

Taubaté, 7,8,1911

Rangel:

Já andava saudoso de algo sem conseguir precisar o que fosse, quando tua carta veio abrir-me os olhos. Era a falta das nossas palestras epistolares, nas quais nos chefurdamos no assunto que não cansa. Ha quantos seculos interrompemo-las! Desde Areias. Mas como vou breve para a fazenda com o fito de demorar pelo menos um ano, e você de novo afundou nesse tremendo Machado, a distribuir justiça, é de crer que tenhamos ambos disposição a tempo para... Para quê? Que será realmente isto que fazemos? Devanear? Para mim o sabor de tudo está em que só nos momentos em que te escrevo, ou te leio, é que vivo a minha "vida insuspeitada"_ uma vida velha, boa, cara e rara; uma vida proibida e unica, de espanejamento de ideias, de espojamento mental. Observe como as bestas de carga se espojam no pó, quando, depois de longa viagem, o tropeiro as alivia das cangalhas! É o que fazemos epistolarmente, sem que o Mundo desconfie. Pobre Mundo! Como nós o enganamos...

Ah, eu no Mundo sou outro. Converso sobre o café, a alta do açúcar, raças de gado, politica municipal. Mas com você eu ressuscito um Lobato alma de gato que não morre nem a porrete e literateja ás ocultas_ Lobato *quand mème*. E ha quantos anos já dura esta conversa misteriosa, de que o Mundo jamais desconfiará? Quanta coisa nos dissemos, quanto projetamos, quanto nos espojamos... Enquanto isso, fomos vencendo estirões na estrada da vida. Vencendo fases. Namoramos. Noivamos. Casamos. Proliferamos. Descobrimos o primeiro fio de cabelo branco...

Mas ando curioso de conhecer o teu pedaço de vida que vai da saida de Machado até a volta para Machado. Tanto machado, Rangel_ não receias um fim à Ana Bolena? Conta-me lá esse pedaço de vida. Foi pena não queres te associar ao meu collegio aqui. Vai de vento nas costas. Dei-o de presente a um cunhado, e diz ele que já lhe está rendendo um conto de lucro por mês, o que é alguma coisa para collegio começado este ano e aqui. E ele não é dos que têm grande jeito. Mas com você dentro_ com toda a tecnica que aprendeu do Fernandes...

Agora que te voltou o sossego tens de proseguir no romance. Lembra-te que a ti cumpre salvar a Tarasca, já que és a unica semente que não falhou. Todos nós vivemos de olhos grudados em você, como naufragos num penedo da costa. Quando algum dos cães pergunta de você (porque sobre o Rangel sou eu a grande autoridade), respondo com misterio: "Nada de pressas. É de lá que vem a *coisa!*" E o "a coisa" é dito em tom que os comove; os olhos do Raul brilham de amor. É que todos do Cenaculo esperam de você e de você só. O resto da cainçalha vive na voragem, esquecidos das ideias e juramentos de outrora. Ricardo engorda e em vez de sonetos produz filhos. Raul ainda se

mantem o ultimo abencerragem_ ainda é um produto residual das leituras do Eça. Ainda acorda e emite aquele “oh!” quando ouve o nome do Eça. Albino policia Ribeirão Preto. Lino, Tito, eu... Até erva-de-passarinho me deu no esilo. Perdi o jeito de escrever, por força deste delicioso habito de não escrever que estou adquirindo. Atualmente, sabe em que lido? Arquitetura... Fiz o projeto de uma capelinha que uma de minhas irmãs quis construir em sua chacara aqui da cidade_ e peguei a empreitada! Estou arquiteto e construtor! Ha tres meses que vivo essa vida nova; passo os dias, desde as 6 da manhã até noitinha, na “obra”, dirigindo e fazendo. Ajudo o carpinteiro e o pedreiro. Eu mesmo preguei todas as telhas “Eternit” do telhado, porque o pobre pedreiro não entendia dessa novidade. Ontem, quando entrou lá na chacara o correio com tua carta, eu estava no alto da escada ajustando uns lambrequins (que não figuram no desenho que te mando). Que felicidade construir! Não me esquecerei nunca destes dias passados a lidar com a torrinha em ponta de flecha, a dez metros do solo, sob o sol. Nunca meu tempo correu tão depressa. Os pedreiros e carapinas não sabem como são felizes. A felicidade humana é diretamente proporcional á velocidade com que passamos o tempo_ ou ao “andante” da vida. Pedreiro e carapina e mais operarios manuais são ultra-felizes porque vivem “prestissimo”. O mais desgraçado dos homens é o preso de cadeia, porque vive no “lentissimo”, com dias de cem horas. Meus dias da capelinha têm, sabe quantas horas? Nem seis. E a minha impressão é de serem horas de vinte minutos apenas.

A verdadeira vida dum artista deve ser esta que estou levando_ vida de aprendizagem, como a teve o Wilhelm Meister de Goethe. Viver todas as vidas_ depois pintar a Vida. Uns tempos como pedreiro, outros como carapina, vivendo no meio deles, com o aroma das madeiras morando-nos no nariz, mais os cheiros das telhas e da cal e do reboco, com a unha do polegar da esquerda sempre negra das marteladas em falso. E depois, o mar, uns tempos de mar_ e engajado em barco de vela, cantando e apanhando bofetadas tremendas do capitão_ um capitão de suíças. E depois, cocheiro de *cab* em Londres, ou de *fiacre* em Paris, ou mesmo de *tilburi* em S. Paulo. Depois, criado, maquinista, guarda-freio da Central, motorneiro da Light, vendedor de frutas no carrinho, e de bilhetes de loteria, e caixeiro, e faroleiro, e *camelot*, e farol de roleta... Viver as principais “vidas coloridas” e realmente vivas_ e só depois então casar. Só assim um homem tornar-se-ia honestamente cascavel.

Mas sempre com dinheiro escondido no banco, para não passar a tal necessidade que gosa fama de ter cara de hereje. Vivo pensando nesse projeto, para quando alcançar a independencia economica_ e sempre contando com você para companheiro. Sem você sinto-me podado, com falta de pedaço.

Se não todas, ha entre essas vidas que citei algumas que teimo em viver. Uma é a do faroleiro. Não imaginas, desde aquele conto tentado em Areias, que profunda nostalgia me ficou da vida em farol. Ainda hei de passar dois meses num farol_ e com você ao lado.

Quanto ao *Falhos*, creio que vão ser a tua obra prima. Nada observaste tão bem e tão ao vivo, talvez por superabundancia de modelos. Estas cidadocas são cachos de *ratés*.

Não conheço o *Inocente* de D'Annunzio_ nada tenho lido ultimamente, fora uns malucos de genio como o Aretino e o horrivel louco que foi o Marquês de Sade. E por falar: desconfio que este marquês é a fonte donde Nietzsche emana_ o olho d'agua de Nietzsche. Sade está no Index, e é de fato a coisa mais anti-cristã que possa ser imaginada. Mas é um genio!

E como vai de filhos?

LOBATO